Revista Militar, II Século, ano 22, nº 11-12, novembro-dezembro/1970, pp. 808-836

RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

5 — SALADO

(30 DE OUTUBRO DE 1340)

Brigadeiro
J. A. DO AMARAL ESTEVES PEREIRA

I — ANTECEDENTES

Pouco depois de ter atingido 15 anos, D. Alfonso XI de CASTELA («El Onzeno») afastou o seu tutor, o grande fidalgo Castelhano, D. João Manuel e fez-se aclamar Rei de CASTELA e LEÃO. Para evitar uma conjura do seu antigo tutor com D. João, senhor de BISCAIA, outro grande fidalgo peninsular de então, cujas forças, muito mais numerosas, fàcilmente o derrotariam, por boas palavras e muita manha, propôs a D. João Manuel o desposar sua filha D. Constança, em troca do desfazer da aliança dos dois Joões. D. João Manuel acedeu e preferiu, nessa altura, uma vitória moral, sem luta e tornar-se sogro do Rei. Desligou-se do senhor de BISCAIA, que, em franca inferioridade de forças, temeu a vingança do Rei e refugiou-se em PORTUGAL.

O casamento realizou-se em 1325, em VALLADOLID, com grande pompa, mas não se poude consumar, nessa altura, pois a noiva tinha apenas 12 anos e aguardava-se que fosse maior para o efeito. Mas, perante a Igreja e a Nação, D. Constança era, de facto, Rainha.

Entretanto, tendo-se dado ameaças sérias dos Mouros, no Sul da PENÍNSULA, o Rei expediu seu sogro, D. João Manuel, para comandar as hostes castelhanas, que se bateram bravamente em vários combates contra as hostes mouras de GRANADA e aliados, tendo alcançado algumas vitó-

rias de certa importância no Sul da ANDALUSIA. Por bem pouco tempo, contudo, haviam de durar as pazes assinadas entre os contendores. Cerca de 14 anos depois, haveria nova ameaça e essa ainda mais grave...

*

Igualmente a harmonia conjugal, pouco tempo havia de durar na corte castelhana; zangas, despeitos e a inconstância de carácter de D. Alfonso XI, conflituoso e despótico, até com os seus maiores amigos e fiéis servidores, foram cavando um abismo entre ele e D. Constança, que, apenas casada, começou a curtir desgostos e, por fim, repudiada, cheia de maus-tratos do marido, chegando este ao ponto de a enclausurar em TORO, donde, só mais tarde, se haveria de libertar. Não se sabe, se o casamento se haveria consumado, ou não; os cronistas são, nesse particular, omissos.

Por razões políticas e pela velha ambição de unir as duas principais coroas peninsulares, D. Alfonso, «el Onzeno», deita as vistas, agora, para a princesa D. Maria, filha de D. Afonso IV de PORTUGAL, pedindo-a em casamento. Este, bem contra sua vontade e de sua esposa, em virtude do conhecimento, que já tinha, dos maus sentimentos e do génio arrebatado e conflituoso do Rei de CASTELA, mormente o que tinha feito, há bem pouco, à infeliz D. Constança, mas, também, por razões políticas e talvez, para garantir, por algum tempo, a paz entre PORTUGAL e CASTELA e poder continuar o progresso do seu País, acedeu e o casamento realizou-se por fim. Mas, nem com esta nova esposa, o «Onzeno» se manteve fiel e carinhoso, mostrando, a breve trecho, os receios que D. Afonso IV e sua mulher tinham ao dar-lhe a mão da filha...

Começou assim, desde então, D. Afonso IV a ter grandes razões de queixa de seu genro e entre as quais podemos resumir as seguintes, pois têm todas importância na sucessão dos acontecimentos futuros e, mormente, na parte militar da acção, que nós pretendemos relatar:

— Os maus tratos, que D. Alfonso XI deu à sua 1.ª mulher D. Constança, agora enclausurada num convento em TORO;

— A má índole do genro, manifestada pelas perseguições, assassínios e faltas contínuas de carácter, bem conhecidas na Corte portuguesa e que se avolumavam cada vez mais;

— Logo depois do seu casamento com D. Maria, o «Onzeno» tomou-se de amores e instalou na Corte, como sua amante oficial, D. Leonor de Gusman, viúva de um fidalgo de CASTELA. A esposa, em face da sua repugnância de viver debaixo do mesmo tecto com a amante do marido, foi repudiada também e, sob pretexto (falso como depois se viu» de ser estéril foi mandada recolher a um convento de SEVILLA, segundo uns, ou ter-se-ia ali refugiado voluntàriamente. Isto produziu em PORTUGAL, e sobretudo na corte portuguesa, a maior repulsa e da parte do Rei D. Afonso IV os mais veementes protestos a seu genro!

— Entretanto nasce um filho a D. Maria, e herdeiro do trono, o príncipe D. Pedro e, apesar disso, D. Alfonso XI não modifica a sua atitude e continua a manter na corte a amante. Às reprimendas constantes do sogro, não fazia o menor caso. E continuava mantendo enclausurada em TORO, a pobre D. Constança, a sua primeira vítima!...

— Em face desta teimosa atitude, D. Maria acabou por regressar a PORTUGAL com o filho e declarou ao Pai que não voltaria a CASTELA enquanto a amante do marido não fosse expulsa da corte.

— Pouco tempo depois de receber a filha, D. Afonso IV, farto do mau procedimento do genro e esgotados os meios suasórios e as repetidas reprimendas, resolve declarar-lhe guerra, deitando por terra todos os projectos, que os duplos casamentos entre as duas cortes (estava-se tratando do casamento do infante D. Pedro de PORTUGAL com a primeira repudiada do «Onzeno», D. Constança) seriam os alicerces do futuro, isto é, a paz duradoura entre os dois Países, para poderem progredir e defender-se fàcilmente contra as constantes ameaças Sarracenas.

Então, começaram as hostilidades nas regiões fronteiriças, quer de um lado quer de outro, numa luta de desgaste, sem proveito algum, a não ser para servir de treino aos fidalgos e suas mesnadas de ambos os países, que, nesse tempo, não viviam bem senão a combater!... Só teve essa

utilidade, mas que ia custando, bem caro, em vidas e fazenda, de ambos os lados; terras taladas, povoações incendiadas, gente desabrigada e espoliada dos seus bens, tudo para treino dos fidalgos, suas lanças e peonagem!...

— Deu-se então, em CASTELA e no ARAGÃO, uma conspiração contra o «Onzeno» e os conspiradores, aliados aos fidalgos portugueses, já sonhavam vencer este, destroná-lo e colocar no trono seu filho e de D. Maria, sob a tutela da mãe. Pensaram, também, os conspiradores castelhanos casar imediatamente o infante herdeiro de PORTUGAL, D. Pedro, já desquitado da doente e infeliz D. Branca, com D. Constança, de que já se haviam tratado os preliminares do enlace, mas que continuava enclausurada em TORO.

Mas o «Onzeno» lá conseguiu desfazer-se dos seus inimigos, fez aliança com o Rei de ARAGÃO e juntou mais tropas ameaçando mais fortemente as fronteiras de PORTUGAL.

— Continuaram, portanto, as investidas dos dois exércitos nas fronteiras comuns, sem qualquer resultado visível: da nossa parte, a querer impôr ao «Onzeno» a sua mulher legítima, do outro, ele a resistir e a não querer saber das ameaças nem dos conselhos do sogro. Resultado: como dantes, invasões dos terrenos fronteiriços, incêndios, destruições, pilhagens, razias, desolação e morte de ambos os lados!...

— Até que, D. Afonso IV mandou ao genro, o arcebispo de BRAGA, D. Gonçalo Pereira (que seria depois avô de D. Nuno Álvares Pereira) para negociar umas tréguas, o que não deu resultado, tendo, então, D. Afonso IV, furioso, entrado pela GALIZA e procedido, com a maior crueldade, a incêndios, a saques, a morticínios em série, etc., etc.! De cá e de lá a mesma brutalidade, infelizmente! O «Onzeno» nem respondeu!...

— E entretanto, e apesar disto tudo, o «Onzeno» continuava a viver no Paço com a Gusman e a não permitir que a sua primeira repudiada seguisse para PORTUGAL a juntar-se a seu prometido noivo, D. Pedro, herdeiro do trono.

*

Esta situação continuariam indefinidamente, eis senão quando, surgem na Corte de CASTELA, notícias altamente alarmantes:

— Abul-Hassan, sultão de MARROCOS (corte em FEZ) fez uma aliança com o Rei de GRANADA, Yussuf-Abul-Hajiab e decidiu ajudá-lo nas suas aspirações e reivindicações sobre dilatação dos territórios deste reino mouro, e, ao mesmo tempo, realizar o seu sonho de há muito: novamente invadir a PENÍNSULA, como, outrora TARIK, e conquistá-la aos Cristãos.

— Entretanto, Alfonso XI tinha firmado a paz com o Rei Pedro IV de ARAGÃO, em 1338, um pouco precipitadamente, em virtude das notícias alarmantes, que vão chegando à corte então em SEVILLA.

No mesmo ano, 1338, notam-se grandes movimentos de embarcações muçulmanas no ESTREITO, de umas 250 velas, segundo alguns cronistas, trazendo tropas, material, abastecimentos e até famílias mouras, sob o comando do filho do Sultão merinida de MARROCOS, Abul Hassan, de nome Abdel Melique, que começa a mandar desembarcar tropas na região: GIBRALTAR-ALGECIRAS.

Apesar da escassez de meios navais castelhanos para se poderem opor a esta avalanche de inimigos, consegue D. Alfonso XI juntar uma pequena esquadra castelhana-argoneza, que é batida. Comandava-a o Prior de S. João, D. Afonso Ortiz Calderon.

— A pedido do «Onzeno», o Papa Bento XII deu as costumadas indulgências para a guerra que ia começar.

— Entretanto, Alfonso XI pediu uma frota a D. Afonso IV, pediu mais navios ao Rei de ARAGÃO e contratou, em GÉNOVA, o aluguer de 12 galés que se vieram juntar às 15 de ARAGÃO, o máximo de que este reino podia dispor. Afonso IV aprontou, então, uma armada, sob o comando do almirante Manuel Peçanha (ou Pezagno, de origem italiana) e que foi reunir-se às frotas castelhana e aragonesa, mas que, por razões anteriores, não passou de CADIZ. Realmente, em lutas anteriores, o comandante castelhano Alfonso Jofre, tinha vencido e feito prisioneiros o

Pezagno e seu filho. Receando represálias, estes ficaram, à cautela, em CADIZ...

Estas esquadras reunidas não conseguem obstar à grande invasão muçulmana através do ESTREITO, em que já vinham famílias dos combatentes e seus gados, para se estabelecerem em terreno conquistado, pois contavam, como coisa certa, a conquista rápida da PENÍNSULA, de mais sabendo que nela, os Cristãos andavam, de há muito, empenhados em lutas intestinas, que os debilitavam, o que, de resto, era certo.

— Todas estas notícias alarmantes iam chegando à Corte portuguesa, que, provàvelmente, então estaria em ÉVORA, ao mesmo tempo que emissários velozes cavalgavam entre SEVILLA e ÉVORA e mantinham, uma e outra das cortes ao corrente da situação. Foi por isso que D. Afons IV, esquecendo momentâneamente os agravos do genro, mandou aprontar a esquadra do Pezagno.

— Foi então que, no auge da aflição, o «Onzeno», esquecendo tudo o que tinha feito, as malfeitorias e faltas de carácter para com os seus e, sobretudo, contra sua mulher e seu sogro, pede paz a este, com a maior instância! Desta vez, porém, o sogro repele as suas propostas!...

Entretanto, D. AIfonso XI marcha contra as tropas muçulmanas de Abdel Melique, já desembarcadas e que vinham talando os campos de ANTEQUERA e de RONDA (1339). Como, porém, achasse os meios insuficientes, voltou a MADRID, reuniu cortes e pediu dinheiro para prosseguir nas operações. Entretanto, as tropas castelhanas derrotaram uma parte das tropas desembarcadas e o príncipe mouro morreu no combate. A armada conjunta castelhana-aragonesa destroçou a do sultão, que havia protegido os desembarques.

— O sultão de MARROCOS decide atravessar o ESTREITO para vingar a morte do filho e foi pôr cerco à praça de TARIFA, guarnecida por um troço de castelhanos.

Então Alfonso XI corre à ANDALUZIA e manda a armada, conjunta contra as forças navais trazidas pelo sultão, mas é derrotada em 16 de Abril de 1340, morrendo na luta o almirante castelhano.

Entretanto, a Rainha D. Maria, temendo pelo marido, apesar de tudo e pelo seu filho, decide voltar a CASTELA e à sua corte.

Encontrou lá diferenças no tratamento do marido, apesar de a Gusman continuar a viver, portas a dentro, como favorita, mas o Rei começou a cativá-la e a ter com ela grandes atenções para o fim de se poder servir dela para interceder junto do pai, como ,de facto, fez por meio de vários recados, visto que D. Maria, ao chegar à corte, soube de fonte certa, que não eram boatos e exageros e que o perigo muçulmano era enorme, não só para CASTELA. como para toda a PENÍNSULA, e de tal modo, que, separadamente, não podiam quaisquer dos reinos: PORTUGAL, CASTELA, ou ARAGÃO, resistir à avalanche moura, que, tendo já conquistado uma verdadeira testa de desembarque em GIBRALTAR-ALGECIRAS, continuava ininterruptamente a desembarcar cada vez mais forças que se iam alastrando um pouco por toda a ANDALUZIA, além do troço que pusera cerco a TARIFA, o que ameaçava não só CASTELA, LEÃO e ARAGÃO, mas, muito mais perto, o ALGARVE e o ALENTEJO, pelo menos até ao primeiro obstáculo natural à penetração Sul-Norte, o TEJO.

D. Maria, com o seu lúcido espírito, viu isto tudo! Mandou estas notícias a seu pai e reforçou-as ainda com o envio dum mensageiro de qualidade, o Deão de TOLEDO, D. Vasco Fernandez, a expor pessoalmente a situação, o que fez com que seu pai tratasse de reforçar a vigilância, não só em LISBOA como nas principais cidades do ALENTEJO e do ALGARVE e ter debaixo de apertada vigilância as comunidades mouras de LISBOA e de outras povoações do Sul do País.

— Então, como o alastramento da invasão progredisse, não só o «Onzeno», mas agora a esposa continuaram a pedir ao Sogro e pai, não só que pusesse fim à guerra de fronteiras e que os ajudasse... Então, e só então, o «Bravo» cessou as hostilidades!

Por essa altura, Abul Hassan já reunira em ALGECIRAS, as suas tropas com as do Rei de GRANADA, Yussuf-Abul-Hajiab, morto por poder alargar os seus domínios e

ambos enviaram troços de tropas para assolarem as planícies andaluzes, do LEVANTE e tomando posições ameaçadoras. Tinham posto, anteriormente, cerco a TARIFA, praça importante, de então, no ESTREITO, que ia resistindo heròicamente e isso, como veremos mais adiante, serviu magnìficamente a causa dos Cristãos, por dois motivos: imobilização de importantes efectivos (nem se sabe para quê...) e a demora da progressão para N. e NW., o que deu origem aos Cristãos se poderem preparar para a defesa e, depois, para a ofensiva.

Parece que, no cerco a TARIFA, foram empregues máquinas de cerco e «engenhos de fogo». Segundo algumas crónicas sarracenas, os mouros usaram neste cerco de «artilharia de fogo»: «injenios de truenos», que lançavam balas de ferro com nafta, causando grande destruição nas suas hostes e muralhas. Mas o mesmo escritor mouro, Conde, disse ainda que, já no cerco de BAZA (1325) haviam sido empregados engenhos semelhantes; por isso não deve ter sido novidade o emprego de artilharia pirobalística, no cerco de TARIFA. O facto é que, apesar destes ataques destruidores por bombas incendiárias, como se prevê, os sitiados defendiam-se heròicamente, sob o comando de Juan Alfonso de Benavides, animados ainda ao avistarem a frota do Prior de S. Juan, Ortiz Calderon, mas alegria efémera por verem essa esquadra ser destruída por uma furiosa tempestade, que fez afundar a maior parte dos navios, salvando-se, apenas, os que a tempestade arrojou a CARTAGENA e VALENCIA. Os mouros regozijaram-se com este desastre e apregoaram que fora Allah e os elementos coligados que os ajudaram!...

— Em face destes contratempos e cada vez mais desanimado, o «Onzeno», como resultado da penúria das suas forças, apesar de estar aliado ao Rei de ARAGÃO, que ele via não serem de molde a poderem-se medir com o inimigo, muito apertado pelas circunstâncias e com muito medo das consequências de uma derrota, de um aniquilamento, mandou emissários, a todo o galope, a pedir, a implorar, auxílio ao sogro, além do já pedido. Este respondeu ainda com um lacónico *Não!* Bem bastava ter terminado com ele as hostilidades, para o não ter de atacar pelas costas! Ajudá-lo

depois de tudo o que se passou, nunca! Bem bastara a armada, apesar de modesta, que lhe enviara...

— E os Muçulmanos a alastrarem já por CASTELA, ameaçando, a Norte, LEÃO e a NE. o ARAGÃO! Passava, então um vento de terror por toda a PENÍNSULA.

— Foi, então, que o «Onzeno», abdicando dos seus caprichos e mau proceder, pediu, implorou, rojou-se aos pés da esposa para que servisse de medianeira junto de seu pai, pedindo-lhe humildemente auxílio! O terror venceu o orgulho e ele vergou-se a este ponto!...

— D. Maria acedeu; veio «a mata-cavalos», deitou-se aos pés do Rei, seu pai, implorando-lhe auxílio, em seu nome, no do seu filho e na salvação da sua actual Pátria, que, afinal, também era a de PORTUGAL, mais dia, menos dia...

— Então, e só então, o Rei de PORTUGAL afinal cedeu; mas pôs condições e bem expressas:

— admitir novamente, e inteiramente, a esposa repudiada e tratá-la com todas as honras, carinho e afecto, como era natural de um verdadeiro marido;

— expulsar, para bem longe da Corte, a amante Leonor de Gusman e acabar essa ligação pecaminosa para sempre;

— não impedir, por mais um dia que fosse, que D. Constança se viesse reunir a seu noivo, o infante D. Pedro de PORTUGAL;

— condições expressas, sem quaisquer transigências e de carácter «sine qua non», para o auxílio pedido, acentuou D. Maria, ao marido, quando do regresso.

— O «Onzeno», presa do pavor da invasão sempre alastrante, cedeu a tudo, solenemente e começou a dar cumprimento às várias cláusulas!... D. Pedro, em PORTUGAL, ia, enfim, conhecer a sua 2.ª esposa, D. Constança, com quem

o tinham casado nominalmente havia já 4 anos! Essa D. Constança haveria, mais tarde, de trazer, na sua corte, D. Inez de Castro, que, pelos seus amores, com D. Pedro, havia de causar tanta infelicidade a eles todos!...

A paz definitiva entre sogro e genro foi assinada em SEVILLA a 10 de Julho de 1340. A luta inglória de fronteiras durara desde 1336, há bem 4 anos!

— Decidido, assim, a socorrer o genro, «malgré tout», Afonso IV, que bem tinha apreciado já a aflitiva situação peninsular, a primeira providência, que tomou, foi a de organizar ràpidamente uma forte armada, que, ainda, sob o comando de Manuel Pezagno e seu filho, foi colaborar com as armadas castelhana-aragonesa na defesa do ESTREITO e dar combate às forças navais sarracenas, evitando, assim, quanto possível, mais transportes de tropas e de abastecimentos da África para a PENÍNSULA.

— Não mencionam as crónicas, o número de navios que o Rei conseguiu reunir e aparelhar, mas devem ter sido algumas dezenas de galés e naus de carga, já então existentes no N. da EUROPA, fortemente armadas, que, juntas à primeira frota que não passara de CADIZ, deve-se poder considerar uma forte armada para a época.

Além disso, começa ràpidamente a organizar uma hoste de tropas terrestres, a maior possível, não só para se impôr moralmente, ao genro, mas para estar apto a vibrar ao inimigo um golpe decisivo, caso ele também invadisse o território nacional.

— Não foi difícil a tarefa: Estavam ainda numerosos troços de tropas, por assim dizer mobilizadas das antigas lutas nas fronteiras, quer no MINHO e TRAZ-OS-MONTES, quer nas BEIRAS, ALENTEJO e ALGARVE. Os fidalgos belicosos, que só estavam bem e se sentiam felizes a combater, tinham, sob armas, as suas «lanças», os seus peões, escudeiros e auxiliares e não foi difícil, nem muito moroso, reunir uma relativamente grande hoste, a que só faltava alguma cavalaria, que, nesse tempo, era pràticamente constituída só por fidalgos e que era a mais importante «arma» para a luta. Mas reuniram-se bastantes piqueiros, arqueiros, fundibulários e besteiros, que, com os auxiliares, não seriam menos do que uns 4 a 5000 homens, sendo uns 1000

a 1500 de cavalo e que se foram ràpidamente reunindo nos arredores de ÉVORA [1].

— Apesar da promessa levada por D. Maria ao marido, como houvesse, ainda, certa demora, este, no auge da aflição, mandou novamente recados urgentes a seu sogro, insistindo pela rapidez do auxílio e, por fim, no cúmulo da impaciência, veio de SEVILLA, a mata-cavalos, à fronteira do GUADIANA — a JUROMENHA — encontrar-se com Afonso IV a novamente pedir, implorar, mais uma vez, urgência!...

Sossegado pelo sogro, retirou-se para SEVILLA e, poucos dias depois, nesta cidade assiste-se à chegada da hoste portuguesa, que, se não era muito numerosa, ia muito bem ordenada e com um aspecto, que encheu de espanto o «Onzeno», que, talvez julgasse não sermos capazes de organizar uma hoste de tal porte, tão bem «corrigida». Como ela tivesse pouca cavalaria, o «Onzeno» deliberou logo reforçá-la com um troço de uns 3000 cavaleiros, segundo rezam as crónicas, apesar das discordâncias e das faltas de pormenor que existem nos relatos destes longínquos acontecimentos.

— Reuniram-se, por fim, todas as hostes nos arredores de SEVILLA, a um e outro lado do GUADALQUIVIR: Portugueses, Castelhanos e Aragoneses, nos começos de Outubro daquele ano de 1340.

— Na hoste portuguesa, comandada pessoalmente por D. Afonso IV, com umas 1000 lanças, iam Gonçalo Pereira, Arcebispo de BRAGA, o Prior do CRATO, os Mestres das Ordens militares de SANTIAGO e de AVIZ, D. Lopo Fernandes Pacheco, D. Gonçalo Gomes de Sousa, D. Gonçalo de Azevedo e mais ilustres fidalgos. Na hoste castelhana figuravam: os prelados de TOLEDO, de SANTIAGO, de SEVILLA, de PALENCIA, de MONSOÑEDO; os Mestres das Ordens de SANTIAGO, CALATRAVA, ALCÂNTARA e S. JOÃO; o Infante D. Juan Manuel, D. Juan Nuñez de LARA, D. Pedro Fernandez de Castro, D. Juan Alfonso de

[1] Rui de Fina (Crónica) refere 1000 lanças, ou sejam 5000 pelo menos.

Albuquerque, D. Juan de la Cerda, D. Diego Lopez de Haro, D. Álvaro Perez de Gusman, D. Gonçalo Ruiz Giron e outros ilustres cavaleiros fidalgos das várias províncias de CASTELA, LEÃO, GALIZA e ANDALUZIA e outras ainda; a bem dizer, toda a fina-flor da fidalguia das Nações aliadas a CASTELA.

II — A BATALHA

— Efectivamente, pelo mês de Outubro de 1340, reuniram-se, nos arredores de SEVILLA, os três exércitos aliados, que totalizariam uns 40 000 peões e 18 000 cavaleiros, no total de uns 58 000 homens, não contando com auxiliares civis, guardas dos acampamentos e pessoal da carriagem. São estes os números mais geralmente transmitidos por cronistas e historiadores.

E do lado Muçulmano quantos seriam? Os dois exércitos, o de FEZ e o de GRANADA, teriam talvez o dobro, ou o triplo; não se sabe ao certo. Os cronistas são, nesse ponto, muito omissos; dizem alguns que eram 120 000, outros 140 000 e até 200 000 homens sendo 70 000 de cavalo. As tropas «benimerines» de FEZ, sob o comando superior de Abul Hassan, eram principalmente de cavalaria ligeira, berberes, zenetas e gomares, de grande rapidez e violência no ataque, enquanto que as do Rei de GRANADA, de infantaria e de cavalaria, eram tidas como mais fracas do que as do MAGREB:

— O principal objectivo das tropas cristãs era, em primeiro lugar, libertar TARIFA, onde a guarnição castelhana já resistia heròicamente há meses, dentro das suas fortes muralhas e suas torres. Para os animar sempre se conseguia um ou outro ousado emissário a levar notícias de esperança e conforto de uma próxima libertação.

— O objectivo dos mouros já se sabe: dando a mão aos do Rei de GRANADA, apossar-se da maior área, senão da totalidade da PENÍNSULA IBÉRICA, vingando os desastres de COVADONGA, NAVAS DE TOLOSA, OURIQUE e as batalhas da conquista do ALENTEJO e ALGARVE, etc., todas elas, como punhaladas no orgulho dos descendentes dos que, com TARIK, tinham desembarcado, em 711, no

CALPE e esmagado a resistência visigoda em CRISSUS, ou GUADALETE!...

— Então, a 15 de Outubro, as tropas reunidas na região de SEVILLA dirigiram-se para o S. e SE. ao encontro de TARIFA a fim de a libertarem.

Marcham lentamente, para se reunirem a alguns troços pelo caminho, na direcção geral, que se pode materializar, presentemente, pelas estradas: SEVILLA-UTRERA-JEREZ de la FRONTERA-MEDINA SIDONIA-Margem N. da Lagoa LA JANDA-TARIFA, a hoste castelhana à direita, repartida em vanguarda, corpo de batalha e retaguarda e a hoste portuguesa à esquerda, em paralelo, cobrindo-lhe o flanco desse lado, e, fazendo a ligação das duas colunas, um pequeno corpo de peões, de piqueiros e besteiros, como guarda de flanco intermédia.

Assim, nesta marcha de aproximação cautelosa e guardada, chegam às alturas de PEÑA DEL CIERVO, na manhã de 29, próximo das margens direitas de um ribeiro, chamado RIO de LA JARA. Alfonso XI envia logo um troço das suas tropas, junto ao litoral, para reforçar a guarnição de TARIFA e infundir-lhe coragem e das referidas alturas, quase ao anoitecer, avistam ao longe, na margem esquerda do RIO SALADO [1], as manchas esbranquiçadas de uma enorme multidão de Sarracenos, que, ao saberem da aproximação dos Cristãos — soube-se depois — tinham levantado pràticamente o cerco a TARIFA e, deixando uma pequena força lá em observação, avançaram a tolher o passo aos adversários. Estava estabelecido o contacto, pelo menos, à vista.

Continuam a marcha e vão tomar posições, ao anoitecer e ainda pelo começo da noite, na margem direita (N) do SALADO e guarnecendo as suas colinas: os Castelhanos e Aragoneses, à direita, defrontando o exército de FEZ e os Portugueses, à esquerda, nas encostas e a coberto do

---

[1] Pequeno rio, conhecido hoje, também, por RIO DE LA VEGA, nascendo nos contrafortes da SIERRA DE LA LUNA, vai desguar, no ATLÂNTICO, a cerca de 2500 m a N.W. de TARIFA. (Vidé Nota N.º 6, no final deste trabalho).

CERRO DEL TESORO, em face das forças do Rei de GRANADA, ficando o SALADO de permeio, servindo de fosso à dupla posição.

— Os Sarracenos, na sua quase totalidade, estavam dispostos em 3 linhas, à esquerda, os «benemerines» de FEZ, de Abul Hassan, e, à direita, em 2 linhas apenas, os de GRANADA, de Hajiab. Entre os dois dispositivos dos Mouros, o rio fazia um pequeno lacete que quase separava a frente em dois troços, dificultando a ligação lateral.

— Do lado Cristão, as tropas de Alfonso XI, à direita, dispõem-se em 3 linhas, a meia encosta e na base das colinas: a 1.ª, a vanguarda do comando de D. Juan Manuel e D. Juan Nunez de Lara; a 2.ª do comando de Garcilaso, seu irmão Gonzalo e D. Gil de Albornoz, arcebispo de TOLEDO, ficando a terceira, como reserva, à retaguarda e na mão do Rei. Na parte portuguesa, não houve pròpriamente dispositivo linear, antes as duas linhas dispuseram-se a coberto de umas colinas, CERRO DEL TESORO e BUJO, junto à curva do rio, prontas a atacar e eventualmente envolver, pela esquerda, o dispositivo das forças de GRANADA.

— Entretanto, o troço enviado pelo «Onzeno» em socorro de TARIFA, consegue depois de uma breve escaramuça com os Mouros chegar a essa praça e, como os muçulmanos tinham levantado o cerco e deixado um pequeno efectivo em observação, foi fácil a esse troço Cristão introduzir-se na praça, fracção essa que, segundo os cronistas era formada de 1000 cavaleiros e de uns 4000 peões e que, com a guarnição lá existente, havia mais tarde, durante a batalha, de efectuar um ataque de flanco e pela retaguarda às forças de FEZ, como veremos. Comandava este forte troço, D. Pedro Ponce de Leon e D. Eurique Enriquez, que pertenciam à vanguarda.

— Reatemos os preparativos, tomados, ao anoitecer e durante a noite 29/30 de Outubro: As tropas Cristãs, no dispositivo, que deixamos esboçado [1], nas encostas das colinas da margem direita (N.) do SALADO; as Sarrace-

[1] Vidé croquis aproximado junto.

nas nas colinas, e à sua retaguarda, da margem esquerda (S.) do rio, onde estabeleceram os acampamentos, currais e tendas das mulheres, crianças, auxiliares e toda a «turba-multa», que os acompanhava, com os gados, alfaias, bens e riquesas de toda a ordem, como lhes era habitual.

Na reserva cristã, segundo Ballesteros, além do Rei, comandava algumas mesnadas, D. Gonçalo de Aguilar e

eram constituídas especialmente por bascos, as de SANTILLANA e de OVIEDO, tudo gente do Norte.

— O plano da batalha, gizado pelo «Ozeno», provàvelmente de acordo e em colaboração com as tropas de ARAGÃO e de PORTUGAL, pode-se enunciar aproximadamente, numa linguagem táctica moderna, como segue:

— «Coberto à esquerda com uma acção fixante, e envolvente pela esquerda, do Rei de PORTUGAL, atacar, com o grosso das forças do centro e direita, as hostes do Rei de FEZ, fazendo combinar essa acção com uma secundária de envolvimento pela direita a fim de cair, por N. de TARIFA, nas retaguardas inimigas e, assim, mais fàcilmente poder aniquilar as suas forças, cortando-lhes a retirada para aquela praça. Esta acção seria apoiada pelas guarnições da esquerda, desembarcando na praia».

— Esta seria, pouco mais ou menos, a ideia de manobra que Alfonso XI teria imaginado em colaboração com os seus aliados. E compreende-se bem a razão da acção secundária, pela direita, seguindo rente à costa, contornando, por N., o perímetro da praça de TARIFA e ir cair, ao abrigo de uma linha de água que desagua perto da praça, nas retaguardas e acampamentos do adversário. o que poria em perigo os abastecimentos, o curral, o harem, as mulheres e crianças, os bens que traziam, etc. Isto para contrabalançar, até certo ponto, a desigualdade numérica e a posição moura ser bastante forte. Foi dado ordem à esquadra Castelã-Aragonesa para desembarcar o maior número possível de homens para apoiarem esta acção.

— Passou-se a noite em preparativos, em ajustar o dispositivo com o plano da operação e, em parte, em descanso das tropas. Refere a crónica portuguesa de Rui de Pina que, na madrugada de 2.ª feira, 30, ainda noite, os dois Reis Cristãos se confessaram e comungaram, depois do que, tomaram suas posições junto das suas reservas; então D. Afonso IV manda «deitar pregão», advertindo: «*que se algum homem d'armas houvesse tão fraco ânimo, que tivesse medo do perigo, que se podia recolher ao arraial*»... Ninguém abandonou o seu posto! Dirigiu, então, uma breve alocução às suas hostes, a fim de lhes levantar o moral e

lembrar-lhes que estavam ali, também,a defender a sua Pátria e quedou-se aguardando o início da luta.

— A batalha, segundo, ainda, Rui de Pina, começou à «hora de terça», ou sejam 9 horas da manhã e durou até à tarde.

— Supôs-se, logo de início, que, apesar do numeroso efectivo sarraceno, podia ser, talvez, uma guarda avançada dos mouros e que o grosso estaria mais para o S. junto à região TARIFA-GIBRALTAR. Era, pelo menos a suposição geral, pois não se sabia, nessa altura, que Abul Hassan tinha levantado o cerco àquela praça e, ainda, porque parte das tropas de FEZ, estavam ocultas pelas colinas da margem esquerda, mais distantes do rio do que as da margem direita. Aí a margem tinha uma extensa faixa plana, ao contrário da margem contrária.

— Tanto de um lado, como do outro, estabelecidas as tropas nas suas posições de partida para o ataque, o aspecto era imponente: dum lado, a mancha branca dos «albornoses» e «djilabas», contrastando com o escuro dos nervosos cavalos, constantemente em movimento, em alardes de correrias, pela frente de batalha, junto à margem, em desafios aos Cristãos; do outro, a mancha brilhante das armaduras dos cavaleiros, o faiscar das lanças e piques, espadas e escudos, bacinetes emplumados de várias cores, bandeiras e balsões das mais variadas cores, timbres e matizes, todos alardeando peonagem firme com seus arcos, fundas, piques e béstas, turba de cor neutra, mas de aspecto sólido e seguro!...

À retaguarda dos dois partidos: os acampamentos, ou arraiais, as manadas do gado de sustento, toda a impedimenta e carriagem, que os exércitos de então sempre se faziam acompanhar.

Entre as fileiras das hostes e os arraiais, os Reis com as suas cortes de fidalgos, os mensageiros e auxiliares (o pessoal do Q. G., como hoje diríamos).

Ao nascer do dia foi rezada missa campal. O arcebispo de TOLEDO já substituira agora a mitra e o báculo pelo bacinete e a Cruz de Cristo, que alçava bem alto, entre guiões e balsões de guerra, Cruz esta que, mais tarde, no

aceso da luta daria lugar a uma forte lança e a um não menos forte montante! O arcebispo, na missa que celebrou, lançou a absolvição geral, segundo a Bula da Cruzada.

— Quem deu o sinal de iniciar o combate foram as trombetas castelhanas, às ordens de D. Alfonso XI, que tocaram a carregar. O rio, com muito pouca água, ainda, nesse outono, tinha na frente da batalha, uma pequena ponte de madeira e alguns vaus, que todos foram utilizados na transposição pelas fileiras dos Cristãos.

— Logo de início houve um incidente no ataque: a primeira fileira, que devia arrancar em primeiro lugar, não passa o rio, por o seu chefe, D. Juan Manuel, desobedecer à ordem de atacar; vendo isto, a segunda fileira inicia a transposição e avança pela margem oposta, no que é imitada pelas tropas da primeira, que caem em si e percebem o gesto de desobediência do seu chefe, mas, entretanto obedecem às ordens do Rei. Nunca se chegou a perceber esta atitude de D. Juan Manuel, que, posta de parte a hipótese de cobardia, pois era um fidalgo valente, só se pode atribuir a desentendimentos com o «Onzeno», ou, então, a velhos ressentimentos, acerca do porte deste com sua filha. Seja como for, as duas fileiras sucessivamente transpõem o SALADO e, tendo repelido os elementos inimigos que guardavam as suas passagens e deixando lá destacamentos, para trombeta castelhanas, s ordens de D. Alfonso XI, que tocagarantirem a sua livre transposição, iniciam o ataque dos cavaleiros protegidos e apoiados pelos peões, como era de uso, então. Escalam rápida e denodadamente as encostas da posição inimiga, engolfam-se na chusma dos cavaleiros marroquinos uns, enquanto uma pequena hoste tenta envolver pela direita o flanco esquerdo do adversário passando pelo N. da praça de TARIFA e indo cair e produzindo a confusão no arraial e acampamento, colocado à retaguarda e um pouco sobre o flanco esquerdo.

— A princípio, o centro adversário cedeu, mas, recobrando ânimo, contra-atacou e levou de vencida os grupos de cavaleiros cristãos; alguns deles tinham já sido feridos como um dos Garcilasos, que, mesmo assim, continuava combatendo; o Mestre de SANTIAGO também hesita em passar o rio, no que é impelido pelo Rei a fazê-lo, mos-

trando-lhe o exemplo de outros mais intrépidos, até que, o próprio Rei resolve intervir, com parte da sua reserva (3.ª linha); passa o rio e ataca bravamente no ponto mais crítico; como se adiantasse, apenas acompanhado de escasso troço de fidalgos, é ràpidamente envolvido pelos adversários, chegando uma seta a vir cravar-se no arção da sela; então ele gritou para que avançassem outros cavaleiros, o que lhe valeu ser libertado do cerco e da morte certa, arremetendo novamente, com toda a valentia e gritando, para os alentar: «*Feridlos, feridlos, que yo soy el rey, Don Alfonso de Castilla y de Leon, ca el dia de hoy vere yo quáles son mis vasallos, y verán ellos quien soy yo*»!...

E esporeando fortemente o seu ginete, atirou-se para o mais aceso da peleja! Foi então que o Arcebispo de TOLEDO, D. Gil de Albornoz, pensando no exemplo do seu antecessor Don Rodrigo Jimenez, em NAVAS DE TOLOSA, com D. Alfonso-el-Noble (Alfonso VIII), exclamou quase pelas mesmas palavras: «*estad quedo, et non pongades en aventura a Castiella et Leon, ca los moros son vencidos, et fio en Dios que vos seredes hoy vencedor*». Foi o que valeu, pois o Rei, apesar do seu mau carácter, era valente até à temeridade, mas, ao conselho do prelado, refreou o ânimo, evitando, talvez uma tragédia! Então, a reserva carregou mais fortemente e o troço que havia contornado o adversário e atacado o arraial, vem dar a mão, atacando de flanco e de revés, pondo em retirada e, a breve trecho, em fuga, o principal troço inimigo, do comando do próprio Abul Hassan, que, nem pensando em se juntar ao seu aliado granadino, tomado de verdadeiro pânico, só pensou em fugir direito a TARIFA, onde, não se sentido seguro, marchou para ALGECIRAS, passou o ESTREITO e só descansou quando se viu nos seus domínios. De resto, o medo também era outro: temia que, demorando-se, ou sabendo-se da sua derrota, seu filho lhe arrebatasse o trono!...

Dizem alguns cronistas que, na derrota dos mouros também influiu o troço dos Cristãos, que tendo saído de TARIFA ao começo da batalha ainda chegaram a tempo de atacarem, de flanco e pela retaguarda, a hoste marroquina.

A quando do ataque das duas primeiras fileiras Cristãs, depois de passarem o rio, houve, a princípio, o choque geral, seguido da série de combates isolados entre cavaleiros adversos: verdadeiros duelos individuais como era a táctica do tempo. Só havia esforço colectivo no choque inicial; depois eram combates isolados, ao sabor do acaso, de um para um, ou para dois, ou três cavaleiros, procurando aniquilar o maior número possível. Primeiro à lançada; partida esta, à cutilada com os rijos montantes, ou a golpes de acha de armas, ou de machados; os mouros à lançada e com as cimitarras e alfanges.

— De início, o objectivo da Cavalaria Sarracena seria envolver o inmigo, como era sempre a sua táctica, mas não teve tempo para isso, pois, aqui e ali, começou a vacilar e, apesar da mobilidade dos cavaleiros berbéres, zenetas e gomares, voltando a atacar, depois de simular retirar e procurando sempre envolvimentos parciais dos grupos de cavaleiros cristãos, não conseguiram vencer a solidez destes, que mais pareciam «ilhas de resistência» e que repeliam sempre e evitavam serem envolvidos, e, mercê das suas armaduras, resistiam às lançadas e aos alfanges mouros. Além disso, os arqueiros e fundibulários não perdiam tiro sobre aquela massa de cavaleiros, que, por todos os lados os queriam cercar.

— O episódio do cerco e do momento de perigo, em que o «Onzeno» se encontrou, faz-nos lembrar um caso idêntico, que, 238 anos depois, havia de suceder ao temerário e desventurado, D. Sebastião, lá nos plainos de AL KSAR-EL-KÉBIR, onde perdeu a vida. O «Onzeno» teve mais sorte e bom conselho, a seu lado, no momento crítico!...

— Ao mesmo tempo que tudo isto se passava no centro e flanco direito Cristão, no outro flanco, os Portugueses iniciam quase simultâneamente o ataque fixante frontal e procurando envolver com o máximo das suas forças o flanco descoberto do adversário.

Dá-se idêntico choque, de parte a parte; já na altura em que era Abul Hassan que dirigia superiormente a batalha, e, ao passo que alguns troços Portugueses passa o rio e atacam frontalmente as tropas granadinas, esboça-se o

envolvimento do inimigo pela esquerda do nosso dispositivo, a coberto do esporão SE de BUJO e vertentes que desciam ao rio. Apesar de as tropas granadinas de Abul-Hajiab serem consideradas mais fracas e menos apetrechadas que as tropas de FEZ, fazem frente às tropas Portuguesas com, talvez, mais firmeza e decisão, do que as suas aliadas da ala esquerda e isto porque tinham bem a noção de que estavam defendendo o que era seu, as suas terras, as suas culturas, o pão dos seus filhos, enfim, o seu moral era superior!...

E isto fez com que, já declinava a batalha do lado dos Mouros de FEZ e ainda resistiam tenazmente os de GRANADA, às nossas tropas. Já debandavam, agora um grupo, logo outros, dos Mouros de Abul Hassan, que, apesar dos seus tenazes esforços, nada mais podia conseguir e cujo exército se desfazia no pó da planície calcinada e, ainda, os Portugueses se batiam tenazmente, numa luta ainda indecisa e já o «Onzeno» podia cantar vitória! Fazendo jus ao cognome com que passou à posteridade — de «Bravo» — D. Afonso IV, obrava prodígios de valor, quer individualmente, quer, não perdendo de vista a direcção superior da sua hoste, que, metódica, mas tenazmente, vai desfazendo, a pouco e pouco, a resistência das fileiras granadinas. Ele próprio, dizem os cronistas, tomou algumas bandeiras e balsões ao adversário!...

— Começam os granadinos a ceder e de aí a pouco... o pânico, a fuga!... Tanto do lado dos de FEZ, como dos de GRANADA, não se vê, agora, mais do que grupos em fuga, perseguidos, de perto, por troços de Cristãos, um exército enorme, em derrota, em pânico, em fuga! Os Cristãos não podem organizar uma perseguição sistemática, por exaustão; mesmo não lhes restava cavalaria suficiente. O que os historiadores referem, foram apenas tentativas isoladas de perseguição por grupos isolados de cavaleiros mais folgados ainda.

— Como epílogo da luta: o campo de batalha juncado de mortos e feridos; calcula-se, no flanco português, uma proporção de 6 a 7 Granadinos por cada Português!...

— O Rei de Marrocos, como já dissemos, logo que viu perdida a batalha fugiu a mata-cavalos para ALGECIRAS,

mas só parou em CEUTA! Quanto ao de GRANADA, bastante depois, já ao anoitecer, temendo que os Cristãos lhe cortassem, por terra, o caminho para a sua capital, fugiu para TARIFA e de aí fez-se transportar por mar, por ALMERIA, para os seus territórios.

— O despojo deixado no campo, arraiais e acampamentos, foi tão rico e valioso, que, depois da partilha dos valores pelos fidalgos e pelos peões — alguns ficaram ricos para o resto da vida — fez com que o valor do ouro, prata e pedras preciosas, baixasse substancialmente nas bolsas de LISBOA, PAMPLONA, BARCELONA e até em PARIS; e além destes, a abundância de tapetes, sedas e veludos preciosos, utensílios de luxo, armas carregadas de pedras preciosas, mobiliário de acampamento, cofres, enfim, um sem número de preciosidades de museu, com que os Senhores Sarracenos costumavam fazer-se acompanhar para seu conforto, ornarem as suas luxuosas tendas e para satisfação das mulheres dos seus harens.

— A riqueza chegou para todos, fidalgos e plebeus, cavaleiros e peões, para todos irmãmente distribuído todo aquele imenso despojo. Entre as preciosidades, que caíram em poder dos Cristãos, os cronistas salientam a magnífica tenda do Sultão Hassan, qualquer coisa como um conjunto das «Mil e Uma Noites», todo o seu harem e numerosíssimos prisioneiros entre os quais muitas mulheres e crianças. Referindo estes pormenores, o historiador Ballesteros, referindo-se à acção dos Portugueses, diz «*que nesta jornada cobriram-se de glória os Portugueses com o seu Rei à frente e que derrotaram completamente os de GRANADA e de aí lhe deram o cognome de Bravo*»!...

— O «Onzeno» convidou seu sogro a escolher o seu despojo. Este disse «*que ele não lhe devia nada*» e apenas quis uma «cimitarra», ornada de pedras preciosas, a trombeta de ouro do sultão, com que ele deu o sinal da batalha, as bandeiras que ele próprios tomou e, de prisioneiros, apenas quis o sobrinho do Rei de FEZ, o jovem Abohama, que trouxe para PORTUGAL. Nada mais quis e disse: «*Nada mais levo, porque nada me deveis*»! E foi assim, com esta «bofetada de luva branca», que o «Bravo» se pagou das

ofensas que recebeu do «Onzeno»! Belo exemplo de isenção e de carácter!...

— Como não havia já perigo a recear por algum tempo e não querendo ficar mais no campo, D. Afonso IV retirou-se, no dia seguinte, para PORTUGAL. O genro, abalado e confuso pelo desinteresse e pelo procedimento do sogro, bastante envergonhado, também, não quis ficar os três dias da praxe em campo e insistiu em acompanhar o sogro e a sua hoste até CAZALLA de la SIERRA (a uns 60 km (a NNE de SEVILLA), onde se despediu dele cordialmente, para, depois, volver ao campo de batalha onde se demorou só 2 dias, assistindo à partilha dos despojos e à reorganização dos exércitos, o seu e o do Rei de ARAGÃO, que, também, retirou, pouco depois. Este troço era o mais fraco e, apesar de não se conseguir saber efectivos certos pelos cronistas, devia ser de pouco mais de uns 4 a 5000 homens.

III — **CONSEQUÊNCIAS**

— Alfonso XI, aproveitando a derrota, a fuga das hostes muçulmanas e a desmoralização produzida por tão fulminante êxito, como guerreiro valente destemido, que era, aproveitou, de seguida, para se apoderar de vários castelos e praças granadinas, após ter libertado completamente TARIFA e a sua área.

Alguns anos depois, ele iria encontrar a morte numa destas arremetidas, verdadeiro «fossado», contra GRANADA, deixando o trono a seu filho D. Pedro, depois cognominado o «Cruel», que alguns historiadores têm, por vezes, confundido com o seu contemporâneo e tio, D. Pedro de PORTUGAL, que, também alguns historiadores cognominaram de «Cru», mas que deve ser antes o «Justiceiro», em virtude da justiça que mandou fazer nos considerados matadores de Inez de Castro. Mas, em todo o caso, este haveria de passar à posteridade com fama de melhor carácter do que o sobrinho, que a História imparcial havia de mostrar bem a sua péssima fama como carácter, mas também a sua incontestada valentia e o seu arrojo temerário...

— D. Afonso IV regressou a PORTUGAL vitorioso e fazendo bem jus ao seu cognome de «Bravo» e, além disso,

com todo o seu desinteresse e a sua inteireza de carácter. Mas, se ele se mostrou desinteressado, o mesmo não suce-deu, é claro, aos seus fidalgos e à peonagem, que, ainda obtiveram farto lucro pela parte que receberam do vastíssimo e riquíssimos despojo, espalhado pelo campo de batalha, como atrás já ficou dito: houve alguns que ficaram ricos para o resto da vida!...

— Houve, então, grandes e solenes festas em ÉVORA, onde estanciava a Corte, por motivo da vitória alcançada: festas religiosas, touradas, jogos de canas, justas medievais, recitais de jograis e de trovadores, que, decerto recitaram já algumas «canções de amigo e de amor» de El-Rei D. Diniz!

— Muito orgulhoso do seu feito, que o fez cognominar e que provou que era, à frente da sua pequena hoste, D. Afonso IV mandou gravar uma vasta lápida de mármore, embutida no pedestal, que separa a Capela-Mor da do Santíssimo, na Sé-Catedral de ÉVORA, em que, uma inscrição, se comemora a batalha que acabava de se ferir e que se transcreve, em «Anexo», a este trabalho.

— Como principal consequência: a paz com os Muçulmanos em toda a PENÍNSULA até ao final da nossa 1.ª Dinastia, pelo menos.

Não há, pelo menos, notícia de qualquer importante invasão sarracena nos territórios da PENÍNSULA, ou de quaisquer lutas internas emportantes, até à conquista de GRANADA por Fernando de ARAGÃO, auxiliado pelo grande Gonçalo de CORDOBA, em 1492, nos tempos de Fernando e Isabel — os Católicos.

IV — COMENTÁRIOS

Há, na história da reconquista cristã da PENÍNSULA HISPÂNICA, três datas célebres, que marcam os três estadios principais dessa luta:

— CANGAS de ONIS — 718 (D. C.),
— NAVAS de TOLOSA — 16 de Julho de 1212,
— SALADO — 30 de Outubro de 1340.

São os três pilares fundamentais dessa luta heróica, de perto de oito séculos (precisamente 781 anos) desde o início da invasão, por Tarik, até à tomada de GRANADA. Luta ingente, que foi bem a expiação prolongada do período das dissenções no Império Visigótico, que no dizer de Herculano, trouxeram os Árabes à PENÍNSULA.

Nesta campanha de 1340, além da boa colaboração entre os vários chefes peninsulares, abolidas, de momento, as contendas entre eles, que sempre trouxeram o enfraquecimento da defesa do território. — Como se provou através da História — e que será comentada a seguir, pode-se notar que a marcha de aproximação de SEVILLA para Sul, em direcção a TARIFA, foi executada com os preceitos de segurança, que o bom senso e as tácticas de sempre preconizaram: a hoste portuguesa, reforçada com cavalaria, cedida pelo «Onzeno», cobriram, durante todo o deslocamento, o flanco esquerdo da hoste principal — a castelhana-aragonesa — e, depois, ao estabelecer-se o dispositivo de partida para o ataque, nas margens do rio, continua a cobrir o flanco esquerdo do dispositivo geral, o mais ameaçado, pois que o flanco direito se podia supor apoiado no mar e ainda coberto pelas esquadras de CASTELA e de ARAGÃO, donde desembarcaram elementos, a dar a mão ao destacamento de socorro a TARIFA, do comando de Ponce de Leon e D. Henrique Enriquez, como dissemos.

Durante a luta, o emprego da reserva pelo «Onzeno», a sua provável 3.ª linha, do comando de D. Gonçalo de Aguilar, no momento próprio, em que se começava a esboçar um enfraquecimento das hostes «benemerines» de Abul Hassan e o envolvimento da hoste do Rei granadino pelo «Bravo», que ajuda a abalar o seu moral, são dois factores a ter em conta a favor do êxito da batalha.

E ainda, durante a luta, o ataque de flanco e pela retaguarda das hostes muçulmanas pelo destacamento de flanco, enviado por Alfonso XI, junto à praia e que *deu a mão* às tropas desembaracadas, contornando a praça de TARIFA pelo Norte, contribuiu, também, decididamente para estabelecer a confusão nas hostes inimigas e apressar o resultado da luta. Alfonso XI viu bem que, só com a combinação de esforços frontais e de flanco, podia suprir a in-

ferioridade numérica dos efectivos cristãos. Ele viu bem, no momento próprio, que o adversário, além de mais numeroso, estava instalado num terreno de colinas, onde com os seus modestos meios não poderia vencer. Então, aproveitou, ainda, a acção do destacamento de Ponce de Leon e Enriquez, enviado na véspera (29) em socorro da praça e com ele e com o ataque de flanco pela direita conjugou, e muito bem, esses esforços, mandando cooperar também a guarnição da praça.

Há nesta conjugação de esforços, um exemplo de *cooperação terrestre-naval*, na acção conjugada pelos elementos desembarcados da frota castelhano-aragonesa com as tropas do ataque de flanco, conjugação esta bem gizada de véspera e que de certeza fazia parte do plano da batalha.

Este plano imaginado com a colaboração, pela certa, de D. Afonso IV obedeceu a todos os princípios, que, de resto são imutáveis quer no campo lato da Estratégia quer no âmbito mais restrito da simples táctica.

Assim, além do *princípio de coordenação de esforços*, vemos que tomou para si a *iniciativa da acção ofensiva*, não deixando ao adversário essa iniciativa e além disso actuou nos dois flancos por ataques envolventes, se bem que secundários (da sua parte que não da dos Portugueses, que se pode considerar antes o principal) indo exercer *a sua acção*, justamente, *no ponto decisivo*, no ponto sensível do adversário: as suas retaguardas, o seu acampamento, arraial, o seu harem, enfim a parte logística, como hoje diríamos.

Não há dúvida: analisando bem quanto se pode saber do desenrolar desta batalha, vê-se que Alfonso XI se pode considerar um chefe militar à altura das circunstâncias e, apesar da ajuda do sogro e da hoste Portuguesa e da pequena hoste Aragonesa, não se lhe pode negar o mérito de ter vencido, e bem, a coligação sarraceno-granadina.

E do lado dos Muçulmanos que concluímos? Em primeiro lugar, cometeram o enorme erro do investimento, com o grosso dos seus efectivos, da praça de TARIFA, que não era essencial e que, para a garantirem, bastaria uma fracção mais pequena. Com esse cerco perderam tempo e

impulso ofensivo, que foi ganho pelos Cristãos na sua preparação e, que vimos, não foi tão pouco como isso!...

E, em segundo lugar, em vez de tentarem, logo de início, envolverem o dispositivo Cristão e não o deixarem estabelecer-se na sua posição, ficaram estàticamente à espera, perdendo a iniciativa do ataque e supondo, talvez, que a sua superioridade numérica e a solidez das suas posições eram suficientes garantias para aguentarem o embate das hostes adversas e derrotarem-nas então por envolvimentos parciais nas suas próprias posições.

E, por último, quando o Rei de Fez viu fraquejar as suas hostes e não poude suster a retirada, não tentou reformar o seu dispositivo e fugiu sem prestar o menor socorro ao seu aliado de GRANADA, que, a essa altura, ainda se defendia bravamente dos incessantes ataques portugueses. Fugiu, apossado de pânico, não se importando com as suas tropas nem com aliados e só com a mira de não perder o seu trono africano.

Ao menos o Rei Hajiab só se retirou quando, verdadeiramente vencido, perdeu todas as esperanças de poder continuar a luta e, demais, abandonado pelo seu aliado, muito mais forte, e que nem pensara em ligar-se com ele durante a luta. Não tiveram, decerto, plano algum de conjunto e assim os esforços isolados perderam-se face à tenacidade e arrojo dos Cristãos.

E, assim, terminou mais uma inglória tentativa para a reconquista Sarracena da PENÍNSULA IBÉRICA e, mais uma vez, depois de NAVAS DE TOLOSA, se obtivera uma vingança para a derrota de ALARCOS.

FONTES CONSULTADAS

— «História de PORTUGAL», Ed. Mon. de BARCELOS, do Dr. Damião Peres e outros.
— «Crónica de D. Afonso IV», de Rui de Pina;
— Apontamentos pessoais de História e de Estratégia.
— Notas cedidas por um distinto oficial general do Exército Espanhol.
— Notas obtidas no Arquivo Distrital do PORTO.
— «História de PORTUGAL», de Oliveira Martins;
— «Panorama», Vol 5.º (1841).

ANEXO

Inscrição existente na Sé-Catedral de Évora

— «*Era de 1378* [1] *Rey Abenamarim* [2], *Senhor de além do mar, confiando em si, e do seu grande haver e poder, passou àquem do mar com Naforra, filha de El-Rey de Tunes para perseguir e destruir os Christãos. Tarifa e o seu poder era tamanho, que se não pode tomar, e pois Rey Dom Affonso viu que não pode ser certo, houve receio de por si veio a Portugal a demandar ajuda ao IV Affonso de Portugal, seu sogro, e a ele prove muito de lhe fazer com seu corpo, e com seu poder, logo sem tardança compençou o caminho para a fronteira; e mandou, que os seus se fossem após ele. De Evora levou 100 cavaleiros e 1.000 peons, que Esteves Carvoeiro foi alferes. Lidarão com os Mouros e o Rey de Portugal entendeu com El Rey de Granada, e Rey de Castela com Abenamarim, e foi mercê de Deos, que nunca Mouro tornou rosto, e morrerão delles tantos, que não puderão dar conta. O Rey Abenamarim, e o de Granada fugirão. No Arrayal, del Rey Abenamarim acharão grande haver em ouro, e prata, e o houve El Rey de Castela. Mataram ali Naforra, e muitos Mouros ricos, e outros Mouros, e meninos infinitos. Cativaram hum filho de Abenamarim, e hum seu sobrinho, e huma sua neta. Deus seja para sempre bento, por tanta merce, que fez aos Christãos*» [3].

NOTAS

(1) 1340 da Era Cristã.

(2) *Rey Abenamarim*, significa o Rei dos Benemerines, Mouros da região de FEZ, em MARROCOS.

A diferença do adjectivo «Abenamarim», na grafia, com o substantivo Benemerines é, talvez, derivada de diferentes províncias da época em que foi feita a lápida e da época actual...

(3) Esta inscrição vem transcrita a págs. 360 do Vol. 5.º de o «Panorama» (de 1841) e tem a grafia possìvelmente actualizada para a época.

«Também, na Sé-Catedral de LISBOA, na Capela-Mor, do lado do Evangelho, no arco que fica junto ao presbitério, está o túmulo d'El Rei D. Afonso IV, lavrado em mármore negro, com uma figura em cima, representando a Fama, com a própria trombeta que este forte monarca ganhou na batalha do Saladó em 1340, um dos mui limitados despojos que só quis receber pelo poderoso auxílio que levara a seu genro ,el-rei D. Afonso XI, o *Justiceiro*, de Castela. («Panorama», Vol. e pág. citada).

A *trombeta*, a que esta nota se refere, é a de ouro, que pertenceu a Abul Hassan, com que ele deu o sinal de começar a luta em face do ataque cristão e que o «Bravo» escolheu como um dos poucos despojos de recordação da batalha.

Pode haver dúvidas acerca do local em que se feriu esta célebre batalha, por existirem dois rios chamados «SALADO». Porém, não é o que desagua junto à povoação actual de CONIL, a 53 km de TARIFA, vindo das alturas perto de MEDINA SIDONIA e patente nas cartas actuais de ESPANHA, mas sim o ribeiro, conhecido actualmente por Rio de La VEGA (ou SALADO), que, nascendo nos contrafortes da SIERRA de LA LUNA, vem desaguar no ATLÂNTICO, a cerca de 2500 m a NW. de TARIFA, conforme se pode ver nas cartas militares do «Servicio Geográfico del Ejército» do País vizinho. Esta observação tem bastante importância para a interpretação de certos detalhes das operações, anteriormente expostos.